

A ARQUITETURA DO CAFÉ: A FÁBRICA DE SACARIA QUE SE TRANSFORMOU EM FÁBRICA DE IDEIAS

Luciana Nemer Diniz

luciana_nemer@ig.com.br

ÁREA: REABILITAÇÃO

Resumo

O legado material das estruturas produtivas fabris brasileiras tem sua representação em Vitória. O complexo necessário para a instalação da Fábrica de Tecidos União marcou indelevelmente a paisagem do bairro Jucutuquara. Distantes três quilômetros do Centro, onde estavam localizados os galpões do porto, que armazenavam a produção cafeeira. Nada mais que o “portal do bairro”, a presença da fábrica e sua vila eram sinal de progresso. Para o presente artigo foi analisada a fábrica, sua história e sua reabilitação em edifício público com fins sociais e educacionais que garantiu a permanência do imóvel. O método de pesquisa que foi utilizado é fenomenológico por ser esta qualitativa e descritiva da realidade social construída como ela é entendida. Quanto aos procedimentos técnicos foram feitas consultas em fontes secundárias, material já publicado e em documentação que ainda não recebeu tratamento analítico em órgãos públicos. Dando prosseguimento a pesquisa, foi analisado o edifício a partir de fontes primárias (idas a campo). A implantação da fábrica seguiu o desenho de bairros operários: a escola, o mercado, a igreja e as áreas de lazer, esses, por estarem integrados ao bairro não eram de uso exclusivo dos funcionários e se espalhavam pelas avenidas do mesmo o que permitiu que, mesmo após o incêndio da década de 60 que levou ao declínio as atividades da fábrica, o bairro continuasse vivo. O presente trabalho estuda os 90 anos de sua existência apresentando os benefícios da recente reabilitação que aflorou a memória coletiva.

Palavras-chave: Arquitetura

Fábrica

Reabilitação

LA ARQUITECTURA DEL CAFÉ: LA FÁBRICA DE SACARÍA QUE SE TRANSFORMÓ EN FÁBRICA DE IDEAS

Luciana Nemer Diniz

luciana_nemer@ig.com.br

AREA: REHABILITACIÓN

Resumen

El legado material de las estructuras productivas fabril brasileñas tiene su representación en Vitória. El complejo necesario para la instalación de la Fábrica de Tejidos Unión marcó indeleblemente el paisaje del barrio Jucutuquara. Distantes tres kilómetros del Centro, ondulaban, estaban ubicados los galpones del puerto, que almacenaban la producción cafetera. Nada más que el "portal del barrio", la presencia de la fábrica y su pueblo eran señal de progreso. Para el presente artículo se analizó la fábrica, su historia y su rehabilitación en edificio público con fines sociales y educativos que garantizó la permanencia del inmueble. El método de investigación que fue utilizado es fenomenológico por ser esta cualitativa y descriptiva de la realidad social construida como ella es entendida. En cuanto a los procedimientos técnicos se realizaron consultas en fuentes secundarias, material ya publicado y en documentación que aún no recibió tratamiento analítico en órganos públicos. Dando continuidad a la investigación, se analizó el edificio a partir de fuentes primarias (idas a campo). La implantación de la fábrica siguió el diseño de barrios obreros: la escuela, el mercado, la iglesia y las áreas de ocio, esos, por estar integrados al barrio no eran de uso exclusivo de los funcionarios y se espían por las avenidas del mismo lo que permitió que, incluso después del incendio de la década del 60 que llevó al declive las actividades de la fábrica, el barrio continuase vivo. El presente trabajo estudia los 90 años de su existencia presentando los beneficios de la reciente rehabilitación que afloró la memoria colectiva.

Palabras clave: Arquitectura
Fábrica
Rehabilitación

Introdução

O funcionamento da fábrica de Jucutuquara só foi viável pela construção da vila operária que iniciou em 1924. Esta se localizava a margem da Avenida Vitória, que anteriormente era conhecida como Reta do Rumão e Reta do Constantino.

Nem todas as fábricas possuíam vilas operárias e nas que existiam o número de casas era sempre inferior ao número de operários o que transformava a casa da fábrica em privilégio de apenas alguns. Em Vitória não foi diferente, o número de casas era inferior ao número de operários logo, eram estabelecidos critérios para distribuição das mesmas.

A Vila operária funcionou como atrativo para conseguir operários especializados, mas também como forma de manter esse tipo de profissional oferecendo ao mesmo um melhor padrão de moradia e retirando a necessidade do trabalhador de arcar com os custos de transporte. No mapa a seguir estão assinalados os bairros do Centro e de Jucutuquara, ambos na região insular da capital e banhados pela baía de Vitória.

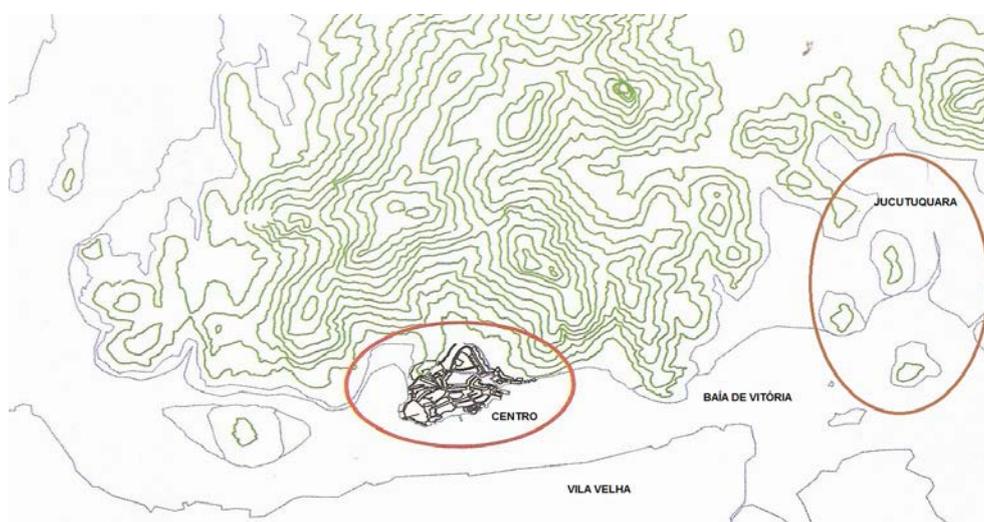


Figura 1: Relevo e hidrografia da Ilha de Vitória em 1767. Fonte: Klug, 2009

“Das poucas vilas construídas na capital, grande parte foi resultado de ações governamentais. A construção das mesmas não estava ligada a indústria e ao sentido e vila operária.” (1).

Em Vitória o governo incentivou a implantação da fábrica subsidiando casas para funcionários no bairro Jucutuquara, pavimentando ruas, drenando e urbanizando a calha do Córrego Jucutuquara, construindo a Praça Asdrúbal Soares (localizada em frente à fábrica) e o Mercado São Sebastião (ao lado desta).

“Até 1928 o governo construiu no bairro 93 casas”. (2).

A Escola técnica, muito próxima à fábrica de tecidos era vista pela população de maior poder aquisitivo como escola correcional voltada para jovens carentes. A instituição que formava mão-de-obra técnica teve o início da construção da sua atual sede em 1937 quando, recebeu o nome de Liceu Industrial de Vitória. O nome dado à mesma se justifica plenamente pelo fato desta estar localizada no bairro industrial. Dentre os cursos listados a seguir a maioria se voltava para o ensino de ofícios empregados diretamente da fábrica de tecidos.

“A Escola Técnica de Vitória mudou-se para Jucutuquara em dezembro de 1942. A instituição contava com internato, semi-internato, externato, oficinas e cursos de artes de couro, alfaiataria, marcenaria, serralheria, mecânica de máquinas, tipografia e encadernação.” (3).

Dentre o conjunto de equipamentos que serviam a população local é importante ressaltar a construção do estádio de futebol que serviu como ponto focal, local de entretenimento para os operários da fábrica bem como para os moradores da capital. A arquibancada foi construída durante a ditadura Vargas (1937-1945). O Estádio Governador Bley em 1972 foi destinado à Escola Técnica Federal do Espírito Santo que estava instalada próxima a esse desde 1946. A escola utiliza atualmente o espaço para as atividades esportivas.

“Em 1858 o Rio de Janeiro apresentava 419 fábricas, a maioria na área central pela facilidade de obtenção de mão-de-obra e de escoamento dos produtos pelo porto.” (4) As vilas operárias foram construídas nesta cidade pela grande indústria, as fábricas têxteis, entre 1875 e 1920.

A Fábrica

Quando, se finaliza a construção das mesmas na capital da república, em Vitória inicia-se o funcionamento da Fábrica de Sacaria de Juta.



Figura 2: Fábrica União. Fonte: Arquivo Público do Município de Vitória.

Tal desconexão temporal atribui-se ao fato do café ter permanecido por mais tempo como principal produto da economia capixaba.

A primeira fábrica de tecidos de Vitória necessitava de um terreno grande e plano não disponível no antigo centro colonial. Jucutuquara então foi a opção; o bairro começava a ter infra-estrutura e dispunha de fartura d'água. A localização industrial pressupunha a proximidade do transporte, no caso o bonde para os empregados e para o escoamento da produção os caminhões que levariam a produção ao porto.

À fotografia anterior estima-se o período referente à terceira ou quarta década do século XX. Nesta é possível observar em primeiro plano a escola técnica, à direita desta o campo e a arquibancada. A fábrica está envolta pela elipse. Em frente à escola e a fábrica passa a Avenida Vitória cuja direção noroeste corresponde ao sentido Centro. Ao fundo da fábrica, no morro do Cruzamento estão instalados diversos barracões enquanto na parte plana as habitações construídas pelo Governo do Estado do Espírito Santo. Em frente a fábrica está localizada a Vila Monjardim, vila operária da fábrica.

Segundo Mendonça, a Vila Monjardim, prevista no projeto do Novo Arrebalde como núcleo operário, com 112.000 m², foi destinada a funcionários públicos e atendeu a função social. (5)

Como protagonista da história do bairro operário está a indústria instalada há aproximadamente um século nos contrafortes do morro do Romão, mas, para a paisagem urbana de Vitória há de se considerar a presença já no século XIX de casas em estilo colonial português bem como moradias de taipa nas encostas do morro.

A indústria de propriedade de Lizandro Nicolett empregava grande parte da população e funcionava em quatro turnos de trabalho. A mesma produzia a sacaria utilizada para ensacar a produção cafeeira. A fiação da juta é ilustrada na imagem a seguir.

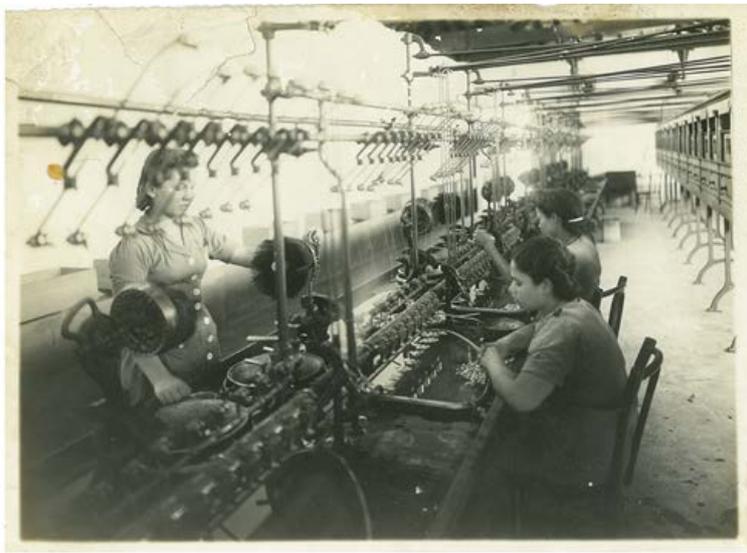


Figura 3: Fábrica União - interior. Fonte: Arquivo Público do Município de Vitória.

A fábrica tinha uma importância vital para a população de Jucutuquara. O nome do bairro se deve ao produto: sacaria de juta, e ainda este atribui-se a origem do bairro. (6).

Lacerda, ao relatar as origens da Companhia União Manufatora de Tecidos S/A, cita Álvaro de Souza Carvalho que trabalhou como no Banco Comércio e Indústria do Estado de São Paulo como gerente e foi assessor do presidente do banco, Numa de Oliveira, representando-o em diversas oportunidades entre elas a presidência da Fábrica São Luiz Durão S/A e a Cordoaria Brasileira S/A. (7).

Em 1939, adquiriu o controle da empresa Jucutuquara Industrial Ltda situada em Vitória / ES. Ali, usando equipamento quase obsoleto cedido pela Fábrica São Luiz Durão, produzia-se sacaria de juta. Além dele participam dessa empreitada, como sócios, João Lúcio de Souza Coelho (que exerceu a função de gerente da fábrica), Geraldo Ourivio e o próprio Numa de Oliveira. Em 1949, a Jucutuquara Industrial LTDA foi transformada em União Manufatora de Tecidos [...] Com a crescente demanda por sacaria de juta, o grupo necessitava ampliar a produção. Porém, no final dos anos 40, não se podia expandir a fábrica de Vitória / ES devido à insuficiência de energia elétrica - era preciso, portanto, criar mais uma unidade fabril. Por sua proximidade com o Rio de Janeiro e facilidade de acesso, Duque de Caxias foi a cidade escolhida para construir a nova fábrica, em enorme área frontal à Av. Rio - Petrópolis, próxima ao centro [...] Com projeto arquitetônico avançado para a época, foi equipada com maquinaria de origem britânica, adquirida da firma James Mackie & Sons Ltda de Belfast, Irlanda do Norte - a montagem das máquinas foi orientada por técnico inglês, enviado pela referida empresa. Para atender a linha de produção têxtil, os primeiros operários foram trazidos da unidade de Vitória, principalmente os encarregados de tecelagem, fiação, bobinadeira, engomadeira e outros

serviços especializados. Posteriormente, foram sendo admitidos trabalhadores de Duque de Caxias e regiões vizinhas. (7).

A fábrica inicialmente apresentava fachada como na fotografia adiante, em segundo plano à direita, com grande cobertura de telha cerâmica.



Figura 4: Fábrica União. Fonte: Arquivo Público do Município de Vitória, 1936.

Para se adequar a linguagem arquitetônica dos anos 30 a fábrica recebeu um “tratamento moderno” escondendo o grande telhado de barro por platibanda e desenhando na fachada frisos e letras do movimento arquitetônico Art Déco. A intervenção deu à arquitetura a aparência industrial, tecnológica e cosmopolita esperada da função.

Atribui-se esta alteração a venda ocorrida em 1939 quando teve o seu nome alterado para: Companhia União Manufatora de Tecidos.

A fábrica sofreu em incêndio no depósito de juta na década de 60. A vila operária já havia perdido a sua configuração original na década anterior fruto do alargamento da Avenida Vitória.

De acordo com Seidel a fábrica de juta (denominada Fábrica de Tecidos Victoria, Manufatora de Tecidos e, finalmente, Companhia União Manufatora de Tecidos) esteve em funcionamento durante o período de 1941 a 1989. (8).

Conforme Lacerda “as políticas industriais do grupo têxtil eram estabelecidas em seus escritórios no Rio de Janeiro, aplicáveis às unidades fabris de Duque de Caxias, Espírito Santo e Pernambuco. Nos anos 1960, as fibras sintéticas passam a ser utilizadas em larga escala, concorrendo com as fibras vegetais. Essa inovação tecnológica obrigou a Companhia União Manufatora de Tecidos a se atualizar. Nos últimos anos, o grupo têxtil viveu séria crise econômica, que redundou na desativação da fábrica de tecidos. O grupo não sofreu concordata, muito menos falência, simplesmente deixou de operar. A fábrica foi alcançada pelos problemas estruturais que afetavam a indústria têxtil brasileira, desde os anos 1980: alto custo da matéria prima e do frete, envelhecimento do parque fabril e dificuldades de exportação. A empresa sucumbiu por sua defasagem de capitais e tecnologia diante de empresas multinacionais, detentoras desses recursos em dimensão bem superior”. (7).

A Reabilitação

O governo municipal reconheceu a importância da fábrica para a cidade através de um projeto retrofit que revitalizou o prédio e atualizou a função da construção transformando-a na “Fábrica do Trabalho” que posteriormente teve o seu nome alterado para “Fábrica de Ideias”, projeto que qualifica mão-de-obra para o Estado do Espírito Santo.

A figura a seguir, capturada do site de mapas apresenta o início das obras de revitalização convivendo com a fachada original.



Figura 5: Revitalização do antigo prédio da Companhia União Manufatora de Tecidos. Fonte: Google Maps, 2014.

A Fábrica de Ideias, também conhecida como antiga Fábrica 747, foi inaugurada em junho de 2014 e além de novas ideias e propostas trouxe um novo visual ao bairro de Jucutuquara à medida que o muro de 75 metros ao redor da fábrica foi transformado pelas mãos de artistas capixabas, liderados pelo professor e artista plástico Emílio Fernandes Rocha, que trabalha com grafite há 24 anos.

O grafite gigante que agora estampa o muro ganhou forma em três dias e mistura referências artísticas importantes, mesclando obras de nomes consagrados como Van Gogh, Tarsila do Amaral e Roy Lichtenstein.

A Fábrica de Ideias iniciou as suas atividades com o Festival de Empreendedorismo, em parceria com a Secretaria Municipal de Turismo, Trabalho e Renda e o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE). Inicialmente foram oferecidas 500 vagas para oficinas e cursos gratuitos em diversos segmentos, como moda, tecnologia e empreendedorismo.

Tais atividades, no entanto estão ocorrendo no grande galpão e no pavimento térreo do edifício em virtude das obras terem sido paralizadas. No térreo está instalada a Acelera VIX – Aceleradora de Empreendedores de Tecnologia.

O complexo foi atendido por projeto de qualidade que prevê: salas de aulas, laboratórios, auditório, biblioteca, agência de micro crédito, recepção e sanitários. A residência do gerente, instalada no mesmo lote, foram dadas as funções de: café, loja, sala de exposição e sala multiuso.

O projeto foi realizado pela arquiteta Adriana Alvarenga da Empresa Alvarenga Arquitetos Associados e a construtora Espaço foi a responsável pela execução da obra desde o início da mesma.

A proposta, iniciada em 2008, previu a construção em três edifícios distintos. O leste que abriga as aulas, salas de professores e de diretores e cujo térreo já foi entregue. O sul para cursos e o sudeste que corresponde ao centro do prédio. Todos possuem térreo; mezanino; segundo, terceiro e quarto pavimentos e pavimento técnico. O complexo ainda compreende o galpão cuja estrutura de madeira da cobertura é original e a residência do antigo gerente da fábrica.

A imagem a seguir apresenta os grafites e as logomarcas da Fábrica de Ideias e da Prefeitura de Vitória. O tom cinza ofereceu a descrição necessária para enfatizar os novos elementos ainda assim, é possível ler Companhia Manufatora de Tecidos em letras de alto relevo.

A transição entre o antigo e o novo foi resolvida pelo recuo da fachada, solução comumente adotada em restauração. Dessa forma, mantendo-se o destaque, leem-se claramente os demais andares como área de intervenção. Também o material adotado, os brises metálicos, em muito ajudou a fornecer a leveza visual necessária atuando de forma equilibrada com a base, a parte antiga.



Figura 6: Fábrica de Ideias. Fonte: Nemer, 2016

A figura 7, fotografia tirada durante a visita técnica em junho de 2014 é do galpão já com as instalações necessárias para a entrega e a belíssima estrutura de madeira em formato de losângos. Na ocasião da visita foi colocado a disposição para consulta o projeto arquitetônico onde se destaca a farta dimensão de 9.000,00 m² (nove mil metros quadrados) do prédio sul bem como as novas tecnologias construtivas empregadas.

As lajes são em Stell Deck, também de aço toda a estrutura (pilares e vigas) que se “escondem” por trás das venezianas metálicas. O estagiário que acompanhou a visita, o estudante Italo Kuster relatou que para redução do peso, as venezianas que no projeto seriam de aço, foram substituídas por alumínio.

A leveza se dá também nos fechamentos das salas onde foi aplicado o sistema Dry Wall (gesso) com o devido isolamento acústico. Nas proximidades dos grandes vãos, onde existe o risco de umidade por chuva foi aplicado gesso acartonado específico, resistente a água e com espessura de 9,5 cm (nove e meio centímetros).

A escada é pressurizada e as esquadrias padronizadas, são trinta e três na antiga fachada. Por uma questão de resistência, especificamente em função do grande balanço dos pavimentos superiores, foram ampliadas as seções das vigas utilizado o sistema Vierendeel.

O sistema é formado por barras que se encontram em pontos denominados nós, assim como as treliças. É como se dentro de um quadro rígido (com todas as articulações enrijecidas), formado por uma

viga superior e uma inferior, fossem colocados montantes, e a influência de uma barra em outra provoca a diminuição nas suas deformações e, em consequência, nos esforços atuantes, permitindo que o conjunto possa receber um carregamento maior ou vencer um vão maior. (9)



Figura 7: Fábrica de Ideias – Galpão. Fonte: Nemer, 2014.

Na parte posterior do edifício estão localizados o estacionamento e a cisterna (40.000 litros). As quatro caixas d'água, 25.000 litros, permitem confortavelmente o funcionamento do prédio que, segundo o engenheiro foi previsto para 400 alunos.

O valor orçado da obra, ainda inacabada, é de R\$ 24.633.138,45. Embora sem a verba necessária para finalização no momento vê-se no edifício um patrimônio recuperado.

Ao patrimônio muitas vezes atribui-se apenas o valor econômico. Segundo Choay, este seria o terceiro valor em uma escala decrescente atribuído a um monumento. O primeiro é o valor nacional, fundamental, responsável por legitimar todos os outros, dos quais é indissociável. O seguinte, cognitivo, relacionado à memória histórica terá o papel efetivo de memória viva uma vez que mobiliza o sentimento de orgulho. Por sua vez o valor econômico é relativo à capacidade de exploração dos monumentos e por fim o valor artístico. (10).

De acordo com Kühl a identificação de bens em seu conjunto e suas inter-relações é necessária para definir aquilo que é bem cultural, pois é indesejável, além de materialmente impossível, preservar tudo de maneira indistinta. (11).

Os fatores excepcionalidade, exemplaridade e singularidade conforme IPHAN são a base para a diferenciação de um bem cultural. Acrescenta-se ainda o extremo apego, a identidade e o sentimento de pertencimento que os moradores possuem com o lugar. (12).

A revitalização do imóvel está trazendo para a população do município um novo uso no edifício que estava fechado e ao mesmo tempo atribuindo vitalidade à área. São favoráveis também a visibilidade do mesmo junto à Avenida Vitória e a sua integração com a Praça Asdrúbal Soares.

A revitalização física de um imóvel aumenta a credibilidade do local e esta será mantida por meio da manutenção provida da revitalização econômica.

Existe diversidade de nomenclatura segundo Carvalho: preservação – manutenção do imóvel em sua atual condição física, nada é acrescentado ou retirado; restauração – resgate do imóvel a uma condição física anterior; renovação (conservação e consolidação) – assegura a manutenção do uso original; reconstituição – imóvel remontado em seu próprio

terreno ou outro qualquer; conversão – alteração do uso original para uma nova função; reconstrução – recriação de uma edificação feita e inexistente no momento atual e réplica – cópia de um imóvel existente. (13).

Conclusão

O edifício da Companhia União Manufatora de Tecidos foi convertido, teve a alteração do uso, no entanto, externamente restaurado mantendo sua fachada e alterando sua volumetria. A tal associação ficou definido o termo reabilitação.

Embora na década de 50 do século passado o uso industrial, o edifício da fábrica, tenha sido preservado por ocasião do alargamento da Avenida Vitória, que optou por sacrificar o lado do uso residencial, este não foi poupado pelo acidente: incêndio no desótipo de juta que, aniquilou com toda a estrutura fabril interna. Após período desativado o edifício foi reformado pela prefeitura do município, num projeto de releitura arquitetônica e alteração da função. O prédio que abrigou a primeira fábrica têxtil de Vitória se tornou a Fábrica de Ideias, um espaço destinado a cursos, dentro das expectativas da população, no entanto o projeto reservou a edificação que era a residência do gerente, contígua à fábrica, para transformá-la em espaço cultural e guardar a história da mesma e do bairro operário não se limitando a atender a demanda do mercado. A “Fábrica de Ideias” e os demais equipamentos do bairro operário (a praça, a igreja, a escola, o mercado e as residenciais) ali permanecem como registro vivo da história.

Bibliografia

- (1) CRUZ, Patrícia Stelzer. **Território da Mobilidade Urbana na Metrópole Portuária da Grande Vitória**. M.Sc., PPGAU/ UFES, Vitória, ES, Brasil, 2010.
- (2) _____, GEES – Governo do Estado do Espírito Santo. **Mensagem apresentada pelo Senhor Presidente Florentino Avidos ao Congresso Legislativo, entre demais feitos do quadriênio de 1924**. Victoria: Imprensa Estadual, 1928.
- (3) ELTON, Elmo. **Logradouros Antigos de Vitória**. Vitória: Edufes e Secretaria Municipal de Cultura, 1999.
- (4) LOBO apud VARON, Conceição Maria Ferraz de. **E a história se repete... As Vilas Operárias e os Conjuntos Habitacionais dos IAPs no Rio de Janeiro**. M.Sc., PUR/ UFRJ, Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 1987.
- (5) MENDONÇA, Eneida Maria Souza. **Cidade Prospectiva: o Projeto Saturnino de Brito para Vitória**. São Paulo: Annablume, 2009.
- (6) FARIA, Willis de. Jucutuquara - **O Bairro Operário - O Início da "Nação" - "a Villa Monjardim"**. Disponível em: <http://deolhonailha-vix.blogspot.com.br> [Consulta: 18. 02.2014].
- (7) LACERDA, Stélio. **A Fábrica de Tecidos do “Corte Oito”**. Revista Pilares da História – Duque de Caxias e Baixada Fluminense, Ano 9, nº 10 (maio 2010): 21.
- (8) SEIDEL, Mônica. **Cena Vitória**. Disponível em: <http://cenavitoria.blogspot.com.br/p/bairros-de-vitoria.html> [Consulta: 29.05.2016].
- (9) **Resumo Estruturas Parte 3**. Arquitetura e Inspiração. Disponível em: <http://arq.ap1.com.br> [Consulta: 29.05.2016].
- (10) CHOAY, Françoise. **A alegoria do Patrimônio**. São Paulo: UNESP, 2001.
- (11) KÜHL, Beatriz Mugayar. **O Legado da Expansão Ferroviária no Interior de São Paulo e Questões de Preservação**. In: CORREIA, Telma de Barros & BORTOLUCCI, Maria Ângela P. C. S. (org). Lugares de Produção: Arquitetura, Paisagens e Patrimônio. São Paulo: Annablume, 2013.
- (12) _____, IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – **Reflexões sobre a Chancela da Paisagem Cultural Brasileira**. Brasília, 2011.
- (13) CARVALHO, Alessandra Tarcsay. **Gestão Dos Processos de Revitalização No Centro Histórico da Cidade do Rio de Janeiro**. M.Sc., PPGECC / UFF, Niterói, RJ, Brasil, 2009.